

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ACERCA DOS VASOS COM "JANELAS TRIANGULARES" DO CASTRO DE CERRO FURADO GUADIANA.

RIBEIRO, Cação E.; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1971 | Número: 81

Como citar este documento:

RIBEIRO, Cação E.; FERREIRA, O. da Veiga, Acerca dos vasos com "janelas triangulares" do castro de Cerro Furado Guadiana. *Revista de Guimarães*, 81 (3-4) Jul.-Dez. 1971, p. 255-259.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Acerca dos vasos com “janelas triangulares” do Castro de Cerro Furado (Guadiana)

Por E. CAÇÃO RIBEIRO
e O. DA VEIGA FERREIRA

I — *História da descoberta*

O Castro do Cerro Furado, e consequentemente todos os achados ali feitos, foi descoberto por um de nós (C. R.) em 1968. A sua descoberta foi mera casualidade. Das digressões pela margem do Rio Guadiana resultou o conhecimento daquele topónimo através de informações fornecidas por pescadores e pastores da região. Estes sabiam apenas que «era um cabeço onde alguém, há muitos anos, cavara um extenso buraco, talvez para procurar tesouros escondidos».

O Cerro Furado era afinal o mais vasto castro que ficámos a conhecer, entre os que já havíamos visitado no País.

II — *Situação geográfica*

A situação deste Castro é deveras notável. Fica na margem direita do Rio Guadiana, a montante do Moinho dos Doutores, na área da Freguesia de Baleizão, Concelho de Beja. Tomando como referência o marco geodésico SERRINHA-142, que fica na margem esquerda daquele rio, podemos situá-lo na carta sobre a direcção WSW e na distância de 1300 m.

Um pouco a NW do Cerro Furado encontra-se o vasto planalto a que chamam os CASTELOS, de características dignas de estudo, mas onde são, actualmente, pouco evidentes os vestígios da ocupação humana.

III — *Descrição da Fortaleza*

A área castrense do Cerro Furado está ainda hoje perfeitamente definida por troços de muralhas que afloram ao nível dos terraplenos e facilmente identificável em quase toda a sua extensão. Nas zonas de menos declive havia duas ordens de muralhas a níveis diferentes, formando plataformas ou terraplenos que eram rematados inferiormente por fossos artificiais.

Nos pontos mais eminentes do Castro existem três colinas com sinais indubitáveis de terem sido erguidas pelos homens que o habitaram. Estão dispostas como vértices dum triângulo donde se poderia dominar toda a periferia da fortificação, especialmente a frente paralela ao rio. Numa destas colinas foi praticado o furo que deu o nome popular ao Castro. Através dessa antiga escavação pode ver-se a constituição artificial da elevação formada por grandes massas de entulho onde não faltam calhaus rolados, de quartzito, do Rio Guadiana, carvões e muitos fragmentos de cerâmica pré-histórica. Foi nestes entulhos que se encontrou o fundo dum vaso com decoração incisa.

A superfície interior da fortaleza está fortemente depressionada formando um fundo vale muito erodido. É em toda a área declivosa desta depressão que se encontram os mais variados sinais da ocupação humana características de sucessivas épocas. Visitamos o Castro (V. F.) e podemos assim assegurar todas estas observações (1).

IV — *Material encontrado*

Como se depreende nunca foi feita por nós qualquer pesquisa sistemática na fortaleza. Todo o material recolhido, em especial cerâmica, é de superfície ou de algum trabalho agrícola, ou de pesquisas do povo à procura de tesouros.

(1) Em 17 de Janeiro de 1969, na companhia de D. Fernando de Almeida.

Pudemos recolher, durante os vários reconhecimentos ali feitos, o seguinte espólio:

- a) — fundo de um vaso pré-histórico com decoração incisa (falsa folha de acácia).
- b) — fragmentos cerâmicos decorados com «roseta» de vários tipos e desenhos, quase todos de grandes vasos. Um de nós (C. R.), conseguiu a reconstituição da boca de um deles.
- c) — fusáioias de cerâmica, de tipo tronco-cónico, algumas decoradas.
- d) — um instrumento lítico ligado ao culto fálico que serviu posteriormente como escopro ou relha de arado votiva, de corneana granatífera (2).
- e) — Uma fibula de botão, sem fusilhão e de arco com moldura.
- f) — dois vasos de janelas triangulares com decoração incisa em falsa folha de acácia, muito fragmentados, sendo um deles apresentado neste estudo depois de meio reconstruído.

Todos estes objectos foram encontrados em covas de pouca profundidade e com 1 m. de diâmetro aproximadamente, entulhados com terra muito empastada e saturada de carvão vegetal. As paredes das covas tinham o aspecto de haverem sofrido a acção de altas temperaturas, o que parece demonstrar terem sido covachos de incineração ou de cozinha

V — *Descrição do vaso*

O vaso que apresentamos tem a forma cónica com o vértice a assentar numa base tronco-cónica curta, tendo o conjunto o aspecto caliciforme, ou de taça. O bordo é revirado para dentro, tem uma única asa simples,

(2) Classificação do Dr. Victor Manuel de Oliveira, do Serviço de Fomento Mineiro de Beja, a quem agradecemos.

e é ornamentado. Entre o bordo e a base do vértice tem uns rasgos triangulares em duas fiadas com alternância de vértices, isto é, na primeira fiada os triângulos estão ora com o vértice para cima ora para baixo, em alternância regular. Na fiada de baixo passa-se o mesmo. Estes triângulos são quase isósceles. Às fiadas de triângulos são separadas por linhas incisas em número de três, sem paralelismo. No conjunto verifica-se que cada janela triangular tem, externamente incisa, outro triângulo e, entre a janela e este triângulo, incisões em falsa folha de acácia. O pé ou base é ornamentado com os mesmos motivos e técnica, assim como a asa. Este vaso e a metade de um outro encontrado parecem ter sido feitos à mão, sem roda de oleiro. O barro é avermelhado e a pasta argilosa tem abundantes grãos de quartzo.

VI — *Comparação, considerações e cronologia dos vasos de janela triangular*

Muito embora estes vasos tenham aparecido num castro alentejano de tipo lusitano e com cerâmicas de influências mediterrânicas da Idade do Ferro, não podem ser dessa Idade. Estes deverão pertencer ao estrato antigo de um castro de Idade neolítica. De facto o vaso aqui relatado, pela pasta, pelo fabrico manual e, acima de tudo, pela técnica de ornamentação e tipo de desenho em falsa folha de acácia, pertence à mesma idade dos vasos há pouco estudados por um de nós (V. F.) (3), onde se observa a mesma técnica e a mesma representação ornamental. É certo que há vasos com janelas triangulares em jazidas alentejanas como, por exemplo, no Castro de Cabeça de Vaimonte (4), mas esses vasos são, a a realidade, mais modernos, muito embora mantenham a tradição das janelas triangulares. É esta a nossa opi-

(3) O. da Veiga Ferreira, «Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em falsa fôlha de acácia», *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa 1969 (Homenagem a A. do Paço).

(4) Colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Belém (Doutor Leite de Vasconcellos).

nião. Estes vasos, tanto os modernos como os mais antigos, seriam empregados em rituais religiosos ou funerários como incensórios ou defumadores. De facto, no vaso agora estudado, ainda se vê no fundo o enegrecido duma matéria oleosa que ali ardeu. Aliás a concepção não se afasta nada dos modernos incensórios de barro normalmente utilizados pelas chamadas «bruxas», ou mulheres de virtude ou de adivinho.

Quanto à cronologia, o problema hoje está facilitado um pouco. Sabe-se que em Portugal há, pelo menos, quatro níveis de Neolítico: o antigo, com cerâmica cardial que anda à volta, pelo rádio-carbono 14, dos 6.000 anos a. C.; o médio, com cardial decadente, sulcos e impressões com datações de 5.000 anos a.C.; superior, com falsa folha de acácia, ornamentação de sulcos e impressões com datação de 4.000 anos a. C.; por último, o Neolítico final, onde a ornamentação desaparece e as datações andam à volta dos 3.000 a 4.000 anos a. C. (5).

Pensamos que o vaso do Cerro Furado, com ornamentação em falsa folha de acácia, seria do Neolítico superior português, com data de, mais ou menos, 4.000 anos a. C.

Isto prova também que os castros alentejanos têm um fundo neolítico acentuado, como aliás já está demonstrado em Pavia (6), Castelo do Giraldo (7), Castro de S. Bento (Évora) etc. (8).

O Castro de Cerro Furado, bem merece uma exploração condigna mas, por Deus, não metam lá essa turba multa de pseudo-investigadores acolitados ou apadrinhados por arqueólogos de pouca consistência científica, porque então vai tudo por água abaixo, como, infelizmente, temos visto nos últimos tempos!

(5) Jean Guillaime et O. da Veiga Ferreira. «Le Néolithique ancien au Portugal», *Bul. dela Soc. Préhistorique Française*, T. 67, Paris 1970.

(6) Vergílio Correia, «El Neolítico de Pavia», Memória n. 27 da C. I. P. P. Madrid, 1927.

(7) A. do Paço, «O Castelo do Giraldo (Evora) e os novos horizontes do Neolítico Alentejano», *VII Congresso Nacional de Arqueologia* Barcelona, 1961, Évora, 1962

(8) Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Belém (Doutor Leite de Vasconcellos).



Vaso com ornamentação em falsa folha de acácia, do Castro de Cerro Furado (Guadiana).

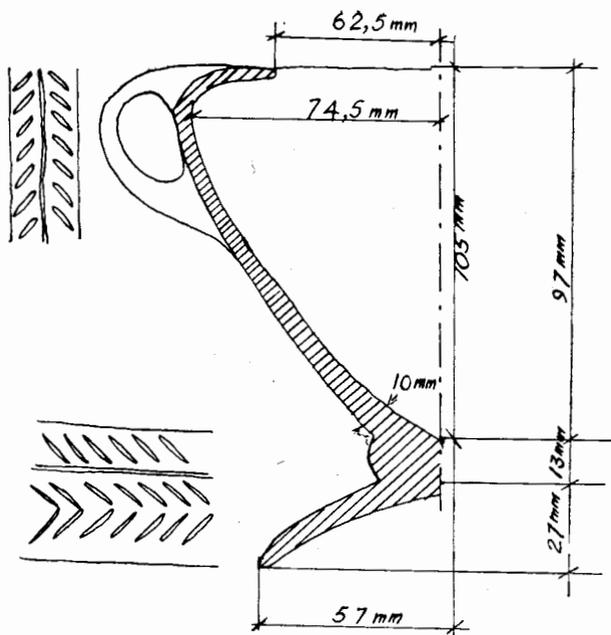


Fig. 1 — Medidas do vaso de Cerro Furado (Guadiana).

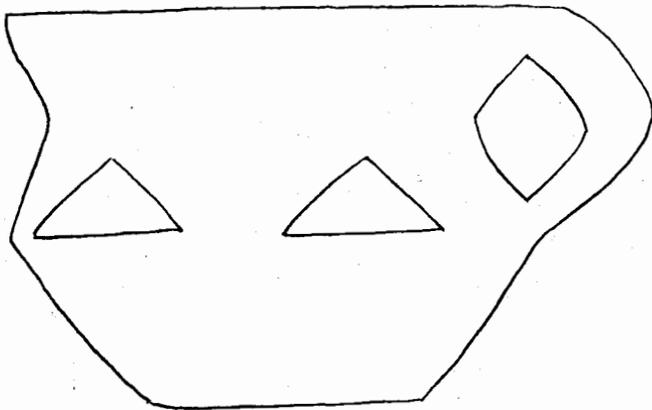


Fig. 2—*Tipo de vaso com asa e janelas triangulares, de Cabeça de Vaiamonte (Alentejo). (1/2)*